



MEMÓRIAS DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ESTUDANTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA UFRB/CFP: entrelaçando narrativas alfabetizadoras vivenciadas na infância

Eixo temático 7: Alfabetização e formação inicial e continuada de professores

Resumo:

Este artigo, forjado a partir de uma experiência formativa com estudantes em formação, objetiva compreender os processos de alfabetização vivenciados pelos estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia, por meio das memórias registradas, no intuito de identificar em que medida os métodos tradicionais de alfabetização se fizeram presentes neste processo. O aporte teórico utilizado baseia-se, sobretudo, nas contribuições de Mendonça e Mendonça (2007), Barbosa (1994), Soares (1991), dentre outros. No âmbito metodológico, trata-se de uma abordagem qualitativa, com produção de dados por meio de registros das memórias dos estudantes em formação. As narrativas dos estudantes revelam práticas que, na grande maioria dos casos convergem entre si. São práticas que valorizam o treino, a repetição, a memorização e o castigo. No entanto, mesmo de forma tímida, alguns poucos estudantes participaram de processos mais inclusivos, acolhedores e que compreendiam a língua para além da codificação e decodificação.

Palavras-chaves: Alfabetização; Métodos de Alfabetização; Memórias; Narrativas; Pedagogia.

Reflexões Iniciais

Pesquisar sobre as memórias do processo de alfabetização se faz urgente e necessário, sobretudo por esta temática representar centralidade nas discussões educacionais e ocupa lugar de destaque em qualquer ação humana, sendo, para além de um direito, exigência para a construção de uma sociedade mais justa, participativa e igualitária. Mesmo se constituindo enquanto um direito básico e considerando os esforços dos docentes, sistemas de ensino e do poder público com algumas políticas públicas alfabetizatórias, o nosso país enfrenta inúmeros desafios do ponto de vista da busca pela superação de entraves

históricos, como por exemplo, a defasagem idade-ano, a não garantia dos direitos de aprendizagens de acordo com os anos escolares e ciclo, o analfabetismo entre outros.

Partindo desse pressuposto, o curso de Pedagogia, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, contempla, no rol dos estudos obrigatórios, o componente curricular “Prática Reflexiva em Alfabetização” que busca dentre outros objetivos, conhecer diferentes metodologias de Alfabetização e as concepções de leitura, escrita e aprendizagem subjacentes, para compreender as diferentes perspectivas de Alfabetização. Pensando em contemplar este objetivo, definimos iniciar das memórias do processo alfabetizador vivido na infância e as marcas construídas nessa trajetória.

Nesse contexto, o presente artigo objetiva compreender os processos de alfabetização vivenciados pelos estudantes em formação, do curso de Licenciatura em Pedagogia, da instituição formadora supracitada, por meio das memórias registradas, no intuito de identificar em que medida os métodos tradicionais de alfabetização se fizeram presentes neste processo. Para tanto, a metodologia utilizada se abastece na abordagem qualitativa, apoiando-se nas memórias do processo vivido por estudantes. Para tanto, os dados foram produzidos por meio da escrita textual, tendo como elemento direcionador o processo alfabetizador vivido na infância e suas marcas deixadas.

A intenção é que esta reflexão construída a partir das memórias dos estudantes em formação, contribua significativamente para a ampliação do debate sobre a alfabetização e seus movimentos de construção em diferentes momentos, articulando-as às teorias e métodos construídos ao longo da história da alfabetização.

2 Pensando a alfabetização e o lugar dos métodos neste contexto¹

Discutir a alfabetização neste momento em que a educação apresenta dados preocupantes no que concerne as dificuldades em leitura e escrita, mesmo diante de um cenário informacional e tecnológico, torna-se necessária uma visita histórica aos processos metodológicos que se fizeram presentes ao longo dos anos, pois de acordo os estudos de Barbosa (1994, p. 11) “[...] as possibilidades de mudanças são historicamente demarcadas.”.

Nesse sentido, Araújo (1996), ao mergulhar na história dos métodos de alfabetização revela que três grandes períodos podem dividir e marcar de forma explícita sua trajetória: o primeiro período corresponde a Antiguidade e a Idade Média, marcado pelo método da

¹ Algumas reflexões contidas neste tópico podem ser encontrados na obra Alfabetização e Letramento(s): possibilidades para uma prática articulada aos diferentes contextos, 1ª Ed. Curitiba-PR, CRV, 2017, p. 37-52.

soletração; o segundo período, entre os séculos XVI e XVIII, estendendo-se até a década de 1960, que foi marcada principalmente pela criação dos métodos sintéticos e analíticos e, por último, o terceiro período marcado pela teoria da Psicogênese da língua escrita, em que passou a associar os sinais da grafia com os sons da fala.

Para iniciar a discussão vale reafirmar que as várias informações impressas apresentadas na sociedade contribuem de forma grandiosa para o sujeito iniciar o processo de construção da língua escrita. Para Ribeiro (2011) os estímulos diversos promovidos nos espaços de educação não formais, principalmente família e comunidade são fundamentais para o processo de aquisição e inserção na leitura e na escrita, porém, uma pergunta é sempre levada à tona quando se discute as questões voltadas a alfabetização: qual a melhor forma para facilitar o processo de aquisição do sistema de escrita? Como fazer com que os sujeitos aprendam a ler e escrever com mais facilidade? É diante de questões como estas que a discussão sobre os métodos de alfabetização é reafirmada.

Nessa discussão elucida que a opção e desenvolvimento na prática dependem principalmente da concepção de alfabetização adotada ou defendida. Corroborando com esse debate Mortatti (2006) reafirma que no nosso país, a história da alfabetização tem sua face mais visível na história dos métodos, pois, desde o final do século XIX, vem-se gerando disputas constantes em relação a antigas e novas explicações para o problema da dificuldade na apreensão da leitura e da escrita. Essa disputa é considerada por Maciel (2010) como a oposição dos métodos considerados em cada momento histórico como inovadores ou tradicionais.

De acordo com Soares (1991), é justamente por o conceito de alfabetizado estar historicamente caracterizado como a capacidade de codificar os sinais gráficos, transformando-os em sons e decodificar os sons da fala, transformando-os em sinais gráficos que se alfabetizava a partir dos chamados métodos tradicionais de alfabetização, ou seja, os sintéticos e os analíticos.

Nessa perspectiva, segundo Mendonça e Mendonça (2007), os métodos de ensino que partem da unidade menor rumo à unidade maior são considerados sintéticos, isto é, apresentam a letra, depois unem-nas formando sílabas, para compor as palavras, seguidas pelas sentenças e por último, o texto. Sufraga da mesma ideia Barbosa (1994, p. 46) ao defender que o caminho sintético “[...] tem seu ponto de partida no estudo dos elementos da língua – letra, fonema, sílaba. E considera o processo de leitura com um esquema somatório: pela soma dos elementos mínimos – o fonema ou sílaba -, o aprendiz aprende a palavra”. Nesta conjuntura agregam os métodos de soletração, o fônico e o silábico

No final do século XIX e início do século XX, os métodos analíticos surgem com a finalidade de partir de um contexto mais próximo da vivência das crianças sendo baseado no

reconhecimento global de frases significativas para os alunos. O método objetiva a compreensão do sentido do texto lido, porém ainda defende o processo de alfabetização em etapas. Na compreensão de Barbosa (1994, p. 46) “[...] o caminho analítico parte dos elementos significativos a língua – palavra, frase, conto. E por uma operação de análise, a palavra é segmentada em seus elementos mínimos: o fonema ou a sílaba”. Os métodos analíticos, segundo Mendonça e Mendonça (2007), estão classificados em palavra, oração, sentencição e contos de experiência infantil, pois partem de uma unidade que possui significado, para fazer a análise em unidades menores.

Diante da abordagem metodológica apresentada cabem alguns questionamentos: existe uma explicação satisfatória para compreender o processo de aquisição da leitura e da escrita? Tais métodos contemplam as demandas apresentadas no momento atual? Eles atendem a uma proposta ampla de alfabetização que investe no processo de aquisição da lectoescrita de maneira significativa e real? Sobre estas questões Barbosa (1994) apresenta uma avaliação bastante significativa dos dois métodos de alfabetização ao revelar que

As duas abordagens se opõem quanto às operações básicas que envolvem: síntese e análise. Mas tem em comum: para aprender a ler, a criança tem de estabelecer uma correspondência entre som e grafia [...] ou seja, a criança aprende a ler oralizando a escrita [...] É justamente este postulado que está colocando em questão na atividade: ler não é (mais) decodificar (BARBOSA, 1994, p. 46).

Nessa discussão, Barbosa (1994) reafirma que apesar de os métodos sintéticos e analíticos se oporem em alguns momentos, ambos primam basicamente pela codificação e decodificação da língua escrita, sem, contudo estabelecer uma relação com o contexto e suas diversas práticas sociais. Nesse processo, a aprendizagem da leitura acontece de forma mecânica, uma vez que a escrita é entendida como uma transcrição gráfica da linguagem oral e a leitura reduzida à decodificação de símbolos escritos, fragmentando desta forma, os processos mentais da criança.

Dessa forma, tanto o método sintético como o analítico expressam uma postura metodológica associacionista, ou seja, a aprendizagem da leitura se dá através de uma simples associação entre respostas sonoras e estímulos gráficos, valorizando as habilidades perceptivas e motoras em detrimento do que é fundamental para o processo de alfabetização que, para Ferreiro e Teberosky (1999), são a competência linguística e as capacidades cognitivas, conforme mencionado anteriormente.

Barbosa (1994) critica as metodologias alfabetizadoras tradicionais para o momento atual por não contemplarem as demandas apresentadas nos diversos espaços e eventos sociais, pela concepção de língua escrita que permeia tais métodos e principalmente pela

valorização exacerbada no processo de ensino sem tampouco levar em conta o processo de aprendizagem.

Diante da abordagem apresentada, é perceptível que as práticas pedagógicas evoluem em função de circunstâncias e necessidades sociais, econômicas e pedagógicas. Nessa discussão Barbosa (1994) contribui reafirmando que estamos vivendo um momento de efetiva democratização do acesso à escola com um tempo mais prolongado de educação para todos, o que impõe repensar as práticas de alfabetização tradicionais que tem expulsado as crianças da escola logo nos anos iniciais em direção a novas práticas a partir de outros referenciais a partir das investigações no campo da leitura e escrita.

3 Métodos de alfabetização nas narrativas dos estudantes: o que revelam?

Refletir sobre a alfabetização e todas as dimensões que atravessam, requer uma breve visita à trajetória escolar na infância, na tentativa de melhor compreender os processos de alfabetização vivenciados pelos estudantes, por meio das memórias registradas, no intuito de identificar em que medida os métodos tradicionais de alfabetização se fizeram presentes neste processo. Assim, ao analisar as narrativas dos estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia sobre os seus processos de alfabetização, foi possível perceber diferentes práticas que revelam as concepções alfabetizadoras permeadas no processo vivido pelos colaboradores, tendo centralidade os métodos tradicionais de alfabetização, sobretudo os métodos sintéticos, como pode ser observado nas narrativas a seguir:

*“Tínhamos apenas **uma professora para todas as séries** [...] Lembro que a professora ia falando e escrevendo no quadro as letras e íamos pronunciando. Escrevia nos cadernos as vogais e consoantes de forma traçada para encobriremos e também escrevia o alfabeto no caderno e íamos olhando e escrevendo novamente, depois íamos soletrando as letras e depois fazendo as junções” (Estudante 1)*

*“No meu processo de alfabetização, os professores utilizavam **metodologias muito tradicionais**. Uma lembrança não muito boa foi de um professor escrevendo o nome dos alunos na lousa, para que estes ficassem sem recreio, era **constrangedor e vergonhoso**, muitos recebiam piadinhas e risadas. Tudo isso devido a conversa, ou até mesmo por ter feito a atividade da forma incorreta. Era muito ditado, escrita, caligrafia, pontilhados, questionários, tomava leitura e era pouco diálogo e interação”. (Estudante 5)*

*“Na minha alfabetização, recordo-me que era uma classe multisseriada, mas não tive dificuldade para me adaptar. No primeiro dia de aula fiquei encantada com o acolhimento da pró e dos coleguinhas, a sala era incrível, haviam vários desenhos coloridos nos cartazes enfeitando as paredes da sala. E o método que a professora utilizou para nos alfabetizar foi através da **cartilha da alfabetização (ABC)**. No primeiro momento fazíamos a leitura de todas*

as letras do alfabeto, e depois a gente faziam as combinações das sílabas para formarmos as palavras”. (Estudante 4)

*“Quando comecei ir à escola era muita cópia, ditado, cobrir pontilhado, ligar e também o silabário. Lembro muito que quando chegava na escola todos os dias **os professores me colocavam para fazer meu nome. Fazia uma folha frente e verso.** Falava que com isso ia treinar o meu nome e a escrita”. [...]*” (Estudante 8)

*“Meu processo de alfabetização foi marcado pelo **famoso ditado**, onde a professora ditava algumas palavras ou frases e nós escrevíamos no caderno. Isso sempre me causou muito **nervoso e medo**. [...] Outro processo tenso era o decorar tabuada, pois a professora fazia perguntas e quem não acertasse ficava sem o recreio. Isso era muito assustador e me deixava muito aflita”* (Estudante 10)

“Aprendi as vogais e o alfabeto por meio de desenhos. Era passada uma atividade onde tínhamos que “encobrir” os tracinhos pra então formar uma letra. Lembro que em volta do quadro negro tinha todas as letras do alfabeto, feitas de emborrachado e cada letra tinha uma expressão “facial””. (Estudante 7)

*“[...] lembro que havia **brincadeiras desenvolvidas** em sala, muitas **histórias** eram lidas e passadas para os alunos que muitas vezes tinham que escolher uma dessas histórias para contar para a turma inteira, ponto muito importante que despertava nos alunos alegria e participação principalmente quando envolvia músicas”. (Estudante 6)*

*“[...] as atividades eram de **cobrir as letras, caça palavras**, tinha cartaz na sala de aula como alfabeto e trabalhava como música. Na hora da merenda todos os alunos baixava a cabeça esperava traz não sala”. (Estudante 15)*

As narrativas dos estudantes revelam práticas que, na grande maioria dos casos convergem entre si. São práticas que valorizam o treino “Lembro muito que quando chegava na escola todos os dias os professores me colocavam para fazer meu nome. Fazia uma folha frente e verso”, a repetição “Era muito ditado, escrita, caligrafia, pontilhados, questionários, tomava leitura e era pouco diálogo e interação”, a memorização “Outro processo tenso era o decorar tabuada”, a cartilha “o método que a professora utilizou para nos alfabetizar foi através da cartilha da alfabetização (ABC)” e o castigo “[...] a professora fazia perguntas e quem não acertasse ficava sem o recreio”. Além disso, as narrativas também evidenciam outras práticas que divergem do que defendemos como uma proposta alfabetizadora significativa, que atende as demandas das crianças como seres que pensam, constroem e participam diretamente do seu processo de construção da leitura e da escrita. Não podemos deixar de destacar que, mesmo de forma tímida, alguns poucos estudantes participaram de processos mais inclusivos, acolhedores e que compreendiam a língua para além da codificação e decodificação, como por exemplo no extrato da narrativa do Estudante 2: “lembro que havia **brincadeiras desenvolvidas** em sala, muitas **histórias** eram lidas e

passadas para os alunos que muitas vezes tinham que escolher uma dessas histórias para contar para a turma inteira”.

Diante das narrativas apresentadas pelos estudantes, é possível perceber que as práticas pedagógicas alfabetizadoras estavam voltadas para o treino, a repetição e a memorização num processo mecânico em que não valorizavam a interação entre as crianças e o contato com textos reais e significativos e sim a pseudo textos extraídos das cartilhas. O ensino da leitura e da escrita de forma mecânica e fragmentada, sem, contudo estabelecer nenhuma relação com o contexto e as práticas sociais, ou seja, em uma perspectiva sintética. Nessa discussão, Albuquerque, Morais e Ferreira (2010) destacam que o ensino da leitura na perspectiva dos métodos sintéticos, visava ensinar basicamente a decodificar.

Nesta perspectiva, a partir das memórias reveladas nas narrativas, foi possível realizar um trabalho problematizador, reflexivo e teórico-metodológico, pautado nos estudos mais contemporâneos no campo da alfabetização, mas sempre retomando as experiências vividas pelos estudantes em formação como demarcadoras para os estudos teóricos mobilizados no componente. Nesse sentido, foi possível compreender as concepções mais inovadoras de alfabetização a partir de um lugar, sendo possível desconstruir algumas concepções equivocadas do processo alfabetizador que não consideram a criança como sujeito ativo do processo de construção da leitura e da escrita.

Considerações Finais

A alfabetização é uma temática que exige debates amplos e reflexões constantes não apenas no cotidiano escolar, mas nos espaços de formação de professores e demais coletivos sociais, pois se constitui como uma pauta de fundamental relevância por representar o pilar de sustentação e a base que ancora a trajetória acadêmica dos estudantes.

Nesse sentido, refletir e problematizar sobre as processo de alfabetização de estudantes em formação, tentando estabelecer conexões com as teorias estudadas, se faz importante justamente por buscar retomar as memórias do processo vivenciado, evidenciando trajetórias marcantes tanto do ponto de vista positivo quanto negativo, desvelando bases teóricas que até então não haviam sido pensadas e problematizadas pelos estudantes.

Na esteira desse movimento do exercício da memória, são revelados momentos vividos no âmbito escolar (enquanto cenário propício para iniciar, aprofundar e consolidar o processo de alfabetização), mas também doméstico/familiar por constituir os processos iniciais de familiarização e início do encontro das crianças com o universo da leitura e da escrita.

Portanto, a experiência desponta a centralidade dos métodos sintéticos nos processos de alfabetização dos estudantes em formação, reveladas nas memórias de práticas voltadas para a repetição, memorização, prontidão, cartilha e castigos. Todas estas práticas são apresentadas nas narrativas, porém, mesmo que de forma tímida, ainda foram verificadas algumas ações mais acolhedoras e lúdicas que marcaram positivamente a vida escolar das estudantes.

Referências

ALBUQUERQUE, E. B. C.; MORAIS, A. G.; FERREIRA, A. T. B. A relação entre a alfabetização e letramento na Educação de Jovens e Adultos: questões conceituais e seus reflexos nas práticas de ensino e nos livros didáticos. In: LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C.; MORAIS, A. G. **Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas**. Belo Horizonte: Atuêntica, 2010. p. 13 – 30.

ARAÚJO, M. C. C. S. **Perspectivas Históricas da alfabetização**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 1996.

BARBOSA, José Juvencio. **Alfabetização e leitura**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1994.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

MENDONÇA, Onaide Schwartz; MENDONÇA, Olympio Correa. **Alfabetização: método sociolingüístico - consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire**. São Paulo: Cortez, 2007.

MORTATTI, Maria do R. L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Conferência proferida durante o Seminário “Alfabetização e Letramento em debate”, promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. SEC/MEC, Brasília, 2006.

SOARA, Magda B. “**Alfabetização: em busca de um método?**”. *Tecnologia Educacional*, v. 20 n. 98-99, p 7-13. jan-abr. 1991.

RIBEIRO, Silvanne. Reflexões acerca das metodologias alfabetizadoras no Brasil. *Presente!* Revista de educação. n. 69, ano 18. p. 19-26. Ceap, dez 2010/ mar 2011.